

É POSSÍVEL CONCILIAR O DUALISMO DE PROPRIEDADES COM O MATERIALISMO?

UMA ABORDAGEM SOBRE DUAS POSSÍVEIS SOLUÇÕES AO PROBLEMA MENTE-CORPO

FILICIO MULINARI
TERCIO KILL

RESUMO: O objetivo do artigo é explicitar as características do dualismo de propriedades e, após a realização de tal análise, avaliar = aquilo que aqui se toma como problema central: é o dualismo de propriedades compatível o materialismo? Para um melhor aprofundamento da questão proposta, serão assinaladas no primeiro momento as características do dualismo de substância e, ainda, do dualismo de propriedades. Após isso, serão pontuadas as ideias básicas e essenciais do materialismo enquanto termo sinônimo do fisicalismo. Depois desses apontamentos, será analisada a possível relação do dualismo de propriedades com o materialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Dualismo de Propriedades; Materialismo; Problema Mente-Corpo

INTRODUÇÃO

O clássico problema da relação entre mente e corpo ainda se revela como um ponto de embate presente na filosofia da mente contemporânea. Questões como ‘são os eventos mentais substancial ou qualitativamente diferentes dos eventos físicos?’ ou ‘é a mente algo substancialmente distinto do corpo?’ se mostram ainda em cena nos debates filosóficos atuais e as possíveis respostas a elas nem sempre – ou quase nunca – se dão de forma unívoca.

A fim de solucionar o problema referente à relação mente e corpo, pode-se dizer que duas correntes filosóficas divergentes são tradicionalmente tomadas como vias principais de solução ao problema, a saber, o dualismo e o materialismo. Conforme salienta Churchland (2004, p. 17), existem variadas ‘subcorrentes’ distintas provenientes do dualismo e do materialismo e isto faz com que o problema da relação entre mente e corpo não seja referente somente à

escolha entre duas teorias distintas, mas sim entre várias subcorrentes, cada uma com suas características e pontualidades próprias.

Dentre as diversas subcorrentes provenientes do dualismo, uma aqui será tomada com um foco especial, a saber, o dualismo de propriedades. Nesse sentido, buscar-se-á na sequência explicitar as características desse tipo de perspectiva. Após a realização de tal análise, pode-se então partir para aquilo que aqui se toma como problema central do artigo: é o dualismo de propriedades compatível o materialismo? Essa questão é a que servirá de norte para o trabalho. Ressalte-se, no entanto, que para um melhor aprofundamento da questão, serão assinaladas no primeiro momento as características do dualismo de substância e, ainda, do dualismo de propriedades. Após isso, serão pontuadas as idéias básicas e essenciais do materialismo enquanto termo sinônimo do fisicalismo. Depois desses apontamentos, será analisada, então, a possível relação do dualismo de propriedades com o materialismo.

DUALISMO, DUALISMO DE SUBSTÂNCIA E DUALISMO DE PROPRIEDADES

Na filosofia da mente contemporânea teorias bastante distintas estão incluídas sob o rótulo de dualistas. No entanto, é um *conditio sine qua non* para todas que a essência do mental seja posto em algo não físico, *i.e.*, algo que não pode ser reduzido à esfera das ciências naturais (como a neurofisiologia, por exemplo).

De acordo com Churchland (2004, p. 26), embora não seja a concepção mais amplamente defendida em meio à comunidade acadêmica contemporânea, o dualismo ainda se mantém como uma via de solução ativa nos meios filosóficos, principalmente nas teorias que são classificadas aqui como dualistas de substâncias. Tendo como um de seus fundamentos os

escritos de René Descartes, nos quais o filósofo afirma que a alma é algo não redutível ao corpo, o dualismo de substância sustenta uma divisão ontológica que fundamenta a separação entre corpo e mente: haveria aí duas substâncias qualitativamente distintas.

Já que, de um lado, tenho uma idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma idéia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa (*res extensa*) e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser e existir sem ele. (DESCARTES, 2004, p. 134)

Para o dualismo de substância, o corpo poderia ser estudado por leis físicas, mas a mente (alma) não. Isso se dá uma vez que, segundo Descartes, a mente seria uma substância sem extensão ou posição no espaço e, por isso, impossível de ser reduzida fisicamente. Assim, haveria uma dualidade ontológica e, com isso, a existência de duas substâncias qualitativamente distintas, a saber, mente (alma) e corpo. No entanto, alguns problemas emergem dessa concepção dualista de mente.

Conforme pontua Robinson (2011), pode-se primeiramente proferir uma questão de nível causal: como os estados mentais influenciam nos estados físicos? Noutras palavras, como a mente, uma vez que é uma substância qualitativamente distinta do corpo, pode influenciar sobre este último, visto seu caráter ontológico distinto? Essas são apenas algumas questões que surgem das teorias adeptas do dualismo de substância. Porém, há outro tipo de dualismo que procura superar esses impasses provenientes de uma concepção ontológica dualista: o *dualismo de propriedades*.

Diferentemente do dualismo de substância, o dualismo de propriedades não se fundamenta em uma divisão de substâncias, ou seja, mente

e corpo não representam duas substâncias qualitativamente distintas. De acordo com Churchland (2004, p. 30), não há outra substância relativa à mente além do cérebro físico. Porém, o cérebro seria dotado de um conjunto especial de *propriedades* distinta dos demais objetos físicos. Em outras palavras, o cérebro possuiria uma propriedade que não seria redutível às ciências naturais como a física e a química. Sobre essas propriedades, Churchland salienta:

Elas são consideradas não-físicas no sentido de que jamais podem ser reduzidas ou explicadas exclusivamente em termos dos conceitos das ciências físicas habituais. Tais propriedades exigem uma ciência totalmente nova e independente – a “ciência dos fenômenos mentais” – para que possam ser adequadamente compreendidas. (CHURCHLAND, 2004, p. 30)

Embora haja diferentes tipos distintos de dualismo de propriedades (como o epifenomenalismo e o dualismo interacionista de propriedades), pode-se dizer que a marca característica de todos os dualismos que seguem essa linha seja a divergência ontológica para com o dualismo de substância. Não há, para o dualismo de propriedades, o tratamento da mente enquanto substância distinta do corpo (cérebro) – há apenas a diferença de tratamento enquanto propriedades distintas. Nesse sentido, em termos de classificação de teorias, uma pergunta pode ser proferida: visto que para o dualismo de propriedades não há substâncias distintas no tratamento da relação mente e corpo, pode tal tipo de dualismo ser conciliado com o materialismo? A resposta a essa questão é o que será buscado nessa parte do artigo.

DUALISMO DE PROPRIEDADES E MATERIALISMO

Antes de se tratar sobre a possibilidade de conciliação entre o dualismo de propriedades e

o materialismo, algumas características básicas devem ser salientadas sobre as correntes filosóficas de cunho materialista. Afinal, o que caracteriza o materialismo? Quais seus princípios básicos e fundamentos? No entanto, antes de se responder a tais questões deve ser feita uma ponderação sobre um termo que normalmente é tomado como sinônimo de materialismo e suas possíveis co-relações, a saber, o fisicalismo.

De acordo com Stoljar (2009), o fisicalismo é uma corrente filosófica que propõe que toda entidade real é redutível a propriedades físicas. Nesse sentido, a idéia geral seria a de que a natureza do universo (e tudo que está englobado nele) está em conformidade com uma condição, a saber, a condição de ser necessariamente algo do âmbito físico. Ainda sobre a definição de fisicalismo, Keith diz:

“[...] de acordo com o fisicalismo, a linguagem da física seria uma linguagem universal da ciência e, conseqüentemente, qualquer conhecimento pode ser trazido de volta a condição de objeto físico” (KEITH, 2010, p. 12, **tradução-nossa**).

Uma vez expostas as características básicas do fisicalismo, pode surgir uma questão: é o fisicalismo sinônimo de materialismo? Embora seja comum encontrar autores que tomem os dois conceitos como sinônimos, algumas considerações devem ser feitas.

É importante salientar, conforme adverte Stoljar (2009), que o fisicalismo e o materialismo possuem histórias distintas. O termo ‘materialismo’ é bastante antigo na filosofia e pode ser remetido a alguns pensadores pré-socráticos, como Tales de Mileto (624-546 a.C.) e Anaxágoras (500-428 a.C.), enquanto que o conceito de ‘fisicalismo’ é bem mais recente, sendo introduzido na década de 1930 por Otto Neurath, com seu escrito *Physicalism: The Philosophy of the Vienna Circle* (1931) e por Rudolph Carnap, com sua obra *Psychology in Physical Language* (1932/33).

Embora não se possa dizer com muita evidência que Neurath e Carnap tenham entendido o conceito de fisicalismo de modo equivalente, uma característica em ambos sobre o referido conceito é comum: a tese *lingüística* de que cada afirmação lógica válida corresponde a um estado físico. Entretanto, conforme pontua categoricamente Stoljar (2009), o materialismo não é fundamentado em uma tese lingüística, mas sim em uma tese metafísica sobre a natureza do mundo. Desse modo, ao menos para os neo-positivistas do Círculo de Viena, há uma razão clara para se distinguir o fisicalismo do materialismo, *i.e.*, o primeiro seria entendido enquanto uma tese *lingüística* enquanto, o último, uma tese de cunho metafísico. Vale ressaltar também que, de acordo com a corrente neo-positivista, toda doutrina metafísica seria carente de sentido, o que ressalta ainda mais a distinção entre ambos os conceitos.

Contudo, deve-se ressaltar que para muitos filósofos contemporâneos, o fisicalismo não é caracterizado enquanto *tese lingüística* e tal fato faz com que muitos o tomem como sinônimo de materialismo. Noutros termos, visto que a redução fisicalista não é apenas uma redução lingüística, mas uma tese ontológica, não parece surgir nenhum problema quanto à aceitação do termo enquanto sinônimo de materialismo. Desse modo, destacada a problemática quanto à tomada do fisicalismo enquanto equivalente ao materialismo, salienta-se que nesta pesquisa os mesmos serão tomados – sob certa medida – como sinônimos, sendo feitas ponderações sempre que necessário.

Nesse sentido, dado que o fisicalismo se fundamenta em uma teoria que submete todas as entidades a condições físicas, *i.e.*, todas as coisas são passíveis de ser reduzidas ao âmbito físico, a mente pode, então, ser reduzida a um componente pertencente do cérebro: mente e cérebro se corresponderiam fisicamente (a primeira seria redutível à segunda). Entretanto, visto

que o dualismo de propriedades não sustenta uma divisão ontológica entre duas substâncias distintas, ou seja, mente e corpo (cérebro) são entendidos como pertencentes a uma mesma substância, uma questão se sobressai: é possível associar o dualismo de propriedades a uma tese fisicalista? Tal questão, problema central deste artigo, merece agora uma melhor análise.

A IMPOSSIBILIDADE DE CONCILIAÇÃO TEÓRICA DUALISMO DE PROPRIEDADES E FISCALISMO

Embora o dualismo de propriedades não apresente uma distinção ontológica qualitativa para a relação entre mente e corpo, há argumentos suficientes para se demonstrar que tal posição teórica não é passível de aproximação com o fisicalismo. Nesse sentido, o primeiro argumento que pode ser pontuado contra essa aproximação diz respeito ao *princípio de parcimônia*, também conhecido como *navalha de Ockham*.

Conforme salienta Adams (1999, p. 628), o princípio de parcimônia pode ser encontrado já nos escritos de Aristóteles e a afirmação de que “não se deve multiplicar entidades além do estritamente necessário” é associado a Guilherme de Ockham (1285-1347). Tal princípio pode ser entendido como a preferência pela explicação mais simples de um fenômeno. Vale ressaltar esse princípio geralmente é considerado a melhor maneira de julgar as hipóteses não só científicas, mas como de todo o âmbito do conhecimento.

O princípio de parcimônia, ao postular a necessidade de não se multiplicar entidades além das já existentes, se mostra como um princípio aliado do fisicalismo e, ainda, como fonte de crítica a qualquer tipo de dualismo. Isso se dá porque o fisicalista postula apenas um tipo propriedade (as propriedades físicas) e todas as coisas seriam passíveis de redução a ela, enquanto que o dualismo de propriedades sustenta a existência de dois tipos de propriedades distintas,

a saber, as propriedades físicas (cerebrais) e não-físicas (mentais). A incompatibilidade entre as duas teorias se daria aqui uma vez que para o fisicalismo não haveria necessidade alguma de uma distinção de propriedades: todas as propriedades poderiam ser fisicamente reduzidas e, pelo princípio de parcimônia, não se deve acrescentar entidades para além daquilo que é necessário para a explicação de um fenômeno.

Percebe-se, então, que, além da maior adaptação da teoria fisicalista ao princípio de parcimônia, tem-se ainda que o fisicalismo não pode ser conciliado com o dualismo de propriedades visto que não faria sentido – sob um ponto de vista fisicalista – a divisão entre propriedades físicas e não-físicas, *i.e.*, se acrescentaria entidades que nada auxiliariam no estudo da mente.

Assim sendo, torna-se evidente que a conciliação entre o fisicalismo e o dualismo de propriedades não se faz possível. Tal conciliação não se torna possível uma vez que a divisão entre duas propriedades distintas no que diz respeito sobre a relação mente e cérebro, apesar de não se tratar de uma divisão no âmbito qualitativo (ontológico), torna-se desnecessária e errônea sob a ótica fisicalista, o que impossibilita a aproximação do dualismo de propriedades enquanto uma teoria fisicalista ou materialista. Assim, os estados não-físicos (mentais) descritos pelo dualismo de propriedades seriam, para o fisicalismo, estados físicos, *i.e.*, passíveis de redução física, o que faz com que as duas teorias se divirjam essencialmente.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marilyn McCord. Ockham's Razor. AUDI, Robert. **Cambridge Dictionary of Philosophy**. 2ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CHURCHLAND, Paul. *Matéria e Consciência. Uma introdução contemporânea a filosofia da mente.* Trad.: Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora UNESP, 2004
- DESCARTES, René. **Discurso do método; as paixões da alma; meditações.** São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- KEITH, James Felton. **Integrationalism:** Essays on the rationale of abundance. New York: Think Enxit Press, 2010.
- ROBINSON, Howard. Dualism. In: ZALTA, Edward. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. <http://plato.stanford.edu/archives/win2011/entries/dualism/>, 2011.
- STOLJAR, Daniel, Physicalism. In: ZALTA, Edward. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2009/entries/physicalism/>>.